

Arruaças e inocentes p. 2

A análise das manifestações estudantis na Constituinte, ocorridas nesta semana, é desagradável, mas imprescindível, pois revelaram desrespeito às instituições e a alienação existente, quando, aparentemente, ocorria o contrário. O episódio não foi o primeiro, nem será o último porque nesta Constituinte a pressão tem sido um grande argumento como demonstraram, antes, a UDR e a CUT.

O Congresso não pode ser alheio à opinião pública, a quem deve expressar e refletir. Quanto maior for a participação do povo nas decisões parlamentares, mais legítimas elas serão, mas como alcançar esse ideal é uma questão milenar. Não há, em nossa política, efetiva vinculação do parlamentar ao eleitor. As exceções existem, porém a grande maioria entende que o mandato é bem individual, podendo dele usar e abusar. É por isso que os políticos mudam tanto de partido e de posições sem qualquer constrangimento — e nada lhes acontece.

Deveria haver uma reação a esse comportamento, no entanto isso não acontece porque não há a conscientização dessa vinculação. As campanhas eleitorais têm sido, principalmente nas últimas décadas, meras disputas individuais. Desenvolvem-se em torno de nomes, não de idéias. O confronto, quando muito, atinge a grupos e são discutidas algumas questões menores. Como a maioria tem uma noção limitada da importância de seu voto, o demagogo é, quase sempre, o vitorioso. O melhor candidato é o mais irresponsável, o que promete

tudo, o que se aproxima do vulgaresco, etc.

Tal fragilidade favorece os conchavos e flutuações. Com frequência, o conservador de uma eleição é avançado progressista em outra. Curioso ver muitos que, no período revolucionário, endeusavam os militares e hoje, com o mesmo arroubo, ocupam tribunas para combatê-los, no clássico processo de exploração. Curioso, mas triste, porque amanhã, se tiverem interesses, pularão de volta com a maior desenvoltura.

O êxito político está muito dependente de influências aleatórias, com a máquina (dinheiro, apoio empresarial, etc.), popularidade como cantor, desportista, etc. ou do poder de nomeação, uma notável herança portuguesa. A empregomania é uma instituição nacional e da qual pouquíssimos escapam. A última e brilhante versão da nossa evolução política é o sucesso de artistas de TV, que não demonstraram nenhuma preocupação com as questões nacionais, mas têm irresistível encanto para suas colegas de trabalho.

Essa consciência política ficou clara nas recentes manifestações, quando centenas de jovens ocuparam a Constituinte para tardes de correrias e diversões, a gritar palavras de ordem ensinadas por seus líderes. Lamentável que, em vez de estudarem, esses jovens estivessem agindo dessa forma. O Brasil de hoje está numa situação extremamente difícil, mas o que nos espera, a julgar pelos últimos acontecimentos, é muito pior.